

“O Latim em ex-libris”: fundamentos teórico-metodológicos da oficina

Resumo: Neste artigo, objetivamos abordar os fundamentos teórico-metodológicos que nortearam a elaboração da oficina “O Latim em ex-libris”, ministrada em 22 de outubro de 2020, durante o ciclo de palestras “As Marcas de Proveniência e a Cultura Material”. Concebemos essa oficina com base na metodologia de ensino de língua instrumental e destinamo-na a sensibilizar os participantes quanto à presença, em ex-libris, de abreviaturas e de alusões literárias a obras latinas. Ao longo da exposição, salientamos alguns cuidados e protocolos a serem considerados pelos profissionais que lidam com ex-libris que se encontrem em latim e que contenham abreviaturas e alusões literárias. Neste trabalho, recuperaremos um pouco dessa discussão feita em nossa oficina.

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Doutorado em Latim
UFRJ
orcid 0000-0003-2364-0011
fabiofrohwein@gmail.com

Palavras-chave: Latim. Ensino do Latim. Ex-libris.

“Latin in Bookplates”: theoretical and methodological foundations of the workshop

Abstract: In this article, we aim to address the theoretical and methodological foundations that guided the development of the workshop "Latin in bookplates", given on 22 October 2020, during the lecture cycle "Provenance and Material Culture". We designed this workshop on the basis of the methodology of instrumental language teaching and intended it to make participants aware of the presence, in bookplates, of abbreviations and literary allusions to Latin works. Throughout the exhibition, we have highlighted some of the care and protocols to be considered by professionals who deal with bookplates in Latin that contain abbreviations and literary allusions. In this paper, we will recover some of that discussion made in our workshop.

Keywords: Latin. Latin teaching. Bookplates.

1 O ENSINO DE LÍNGUA INSTRUMENTAL

Nossa opção pela metodologia de ensino de língua instrumental justifica-se pelo fato de que buscávamos, para a oficina, uma abordagem pedagógica mais voltada à necessidade prática, imediata e contextual do público-alvo. Em geral, os cursos tradicionais de latim priorizam o aprendizado exaustivo de regras gramaticais que, em certos casos, podem ser excessivas frente às demandas técnicas de determinado público-alvo, a exemplo dos profissionais que lidam com ex-libris. Sendo assim, uma série de informações acaba por se

mostrar supérflua ou incompreensível. Tom Hutchinson (1987) observa que, originalmente, o ensino de língua instrumental surgiu do *English for Specific Purpose* (Inglês com Objetivos Específicos), um tipo de curso de inglês como segunda língua, normalmente destinado a estudantes universitários ou pessoas já empregadas, que explora vocabulário específico e habilidades de que esse público-alvo necessita. Dessa forma, o ensino de língua instrumental concentra-se numa ocupação ou profissão, como inglês técnico, inglês científico, inglês para médicos, inglês para turismo, entre outras.

No caso de nossa proposta, era fundamental, portanto, sensibilizar o participante da oficina para a presença de abreviaturas em ex-libris e para a importância da observância de regras dos substantivos latinos necessárias ao correto desenvolvimento dessas palavras em sua transcrição semi-diplomática. Além disso, importava que promovêssemos uma discussão, ainda que propedêutica, sobre a alusão literária e seu emprego em pesquisas que identifiquem possíveis nexos entre o conteúdo dos ex-libris e os proprietários dos livros individualizados por essas marcas de proveniência. Portanto, explorar esses dois fenômenos básicos – abreviaturas e alusões literárias – e conteúdos teóricos, gramaticais e literários a eles relacionados era mais coerente com nossa proposta pedagógica do que priorizar vocabulário, expressões e estruturas gramaticais latinas recolhidas de poetas e prosadores da Latinidade clássica, como em geral se faz em aulas tradicionais de latim. Desse modo, até o estudo de uma língua clássica, como o latim, ou de sua literatura, pode se voltar a uma determinada ciência a que se deseja aplicar o conhecimento linguístico, seja a teologia, a história antiga, a filosofia, a filologia ou, como o proposto aqui, a biblioteconomia. O profissional que trabalha nesse campo não necessariamente carece de conhecimento aprofundado de língua latina que o permita ler, traduzir e estudar autores latinos clássicos, mas pode adquirir informações o suficiente para o exercício de sua profissão e, por meio desse conhecimento-base, até mesmo se alçar a um saber mais aprofundado, caso deseje.

2 REDUÇÕES DE PALAVRAS EM EX-LIBRIS

O uso de palavras reduzidas (abreviaturas ou siglas) na escrita latina remonta à Antiguidade, como nos mostram as cartas, inscrições monumentais ou epigráficas, documentos notariais e, mesmo, obras literárias. Na Modernidade, incunábulo e pós-incunábulo apresentam uma série de símbolos e sinais diacríticos, herdados da tradição

manuscrita medieval, que consiste num sistema de redução de palavras. Obviamente, as abreviaturas não foram inovações dos escribas medievais. No mundo antigo, muitas cartas, por exemplo, eram taquigrafadas para se evitar que fossem lidas, caso caíssem em mãos erradas. No entanto, durante o Medievo, era imperativo cada vez mais abreviar palavras em textos, para se economizar tempo e material na elaboração das cópias. O pergaminho, além de raro, tinha alto custo de produção; e o enriquecimento da sociedade no início do Renascimento aumentou gradativamente a demanda por livros, ainda manuscritos. Até o séc. XVII, era muito comum que se substituíssem as letras “n” ou “m” por um traço sobre a vogal que as antecederia: ex. en̄ > *enim* (de fato); tantū > *tantum* (somente); nō > *non* (não); palpās > *palpans* (elogioso). Esse traço, portanto, nada tem a ver com o macron, diacrítico que sinaliza quantidade vocálica ou silábica longa, mas com a indicação de nasalidade, razão para se chamar de *linea nasalis* (linha ou traço de nasalidade). Ainda no que diz respeito ao uso do traço sobre vogais, registra-se ē, redução do verbo *est* (é, está, existe), que poderia ser confundida com a preposição latina *e*: ex. vera [...] illa necessitudo ē > *vera* [...] *illa necessitudo est* (aquela amizade é verdadeira). Aplicado sobre consoantes, porém, o traço diacrítico não indica nasalidade mas fusão de:

- 2 letras – ex. ōm̄: om̄is = *omnis* (todo);
- 3 letras – ex. qm̄: qm̄ = *quam* (a qual); p̄: p̄biterū = *presbit̄erum* (bispo);
- 4 letras – ex. dn̄: dn̄i = *dom̄ini* (do senhor);
- 5 letras – ex. r̄: r̄as = *litt̄eras* (cartas); nr̄m = *nostrum* (nosso);

Embora se tenha suprimido, paulatinamente, o uso de palavras latinas reduzidas em livros, observamos sua manutenção em ex-libris, certamente devido às exíguas dimensões físicas dessas marcas de proveniência:

Imagem 1: ex-libris da biblioteca de Elwangen. Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel, Alemanha. 1751-1800.



Imagem 2: ex-libris da biblioteca dos franciscanos em Colônia. Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel, Alemanha. 1751-1800.



Imagem 3: ex-libris de R.P.D. Tesini. Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel, Alemanha. 1751-1800.



Imagem 4: ex-libris da biblioteca de Göttingen. Herzog August Bibliothek Wolfenbüttel, Alemanha. 1751-1800.



Nos ex-libris acima, verificam-se, respectivamente, as seguintes reduções de palavras latinas: *Bibliothec.* (imagem 1), *Aulic.* (imagem 1), *FF.* (imagem 2), *Conventual.* (imagem 2), *Colon.* (imagem 2), *BIBLIOTHEC* (imagem 3), *R.P.D.* (imagem 3), *Acad.* (imagem 4). A depender do tipo de transcrição (diplomática ou semi-diplomática) adotado pela instituição de guarda para as descrições catalográficas dos itens de seu acervo, o bibliotecário ou documentalista ver-se-á diante de uma primeira tarefa: desenvolver essas palavras reduzidas. E, aqui, é possível que se dê uma dificuldade metodológica inicial, pois nem sempre todas as palavras latinas abreviadas estão em dicionários de latim convencionais, uma vez que a maioria deles se baseia em léxico clássico. Tomemos, como exemplo, a palavra *Conventual.* (imagem 2): em dicionários latinos, o que encontramos de mais próximo é o substantivo *conventum* (convenção, pacto, acordo, tratado), que, certamente, não corresponde à forma desenvolvida da abreviatura em questão. Trata-se, na verdade, do adjetivo *conventualis* (conventual, relativo a convento), neologismo formado a partir de *conventum*, substantivo que, apesar de existir no léxico clássico, passou a significar “convento” no mundo pós-clássico. Isso nos leva a um segundo problema metodológico quanto ao uso de dicionários latinos convencionais: várias palavras latinas que se acham em ex-libris foram ressignificadas, a exemplo de *Colon.* (imagem 2), que, obviamente, não tem o significado clássico de *colonia*

(colônia, propriedade), mas de Köln (Colônia, cidade Alemanha), e, portanto, deve ser transcrita com “C” maiúsculo, conforme o ex-libris, e não com “c” minúsculo, como no dicionário. A maioria dos nomes latinos de lugares é neologismo, daí a importância de se consultarem léxicos adequados, como o *Orbis latinus: Lexikon Lateinischer Geographischer Namen des Mittelalters und der Neuzeit*, elaborado por Johann Georg Theodor Graesse, Frederick Benedict e Helmut Plechl.¹

Além dessas questões, mencionamos uma terceira, e mais complexa, que diz respeito à transcrição semi-diplomática de palavras latinas reduzidas em ex-libris: nem sempre esses vocábulos serão desenvolvidos com as terminações informadas pelos dicionários. Como exemplo, *Bibliothec*. (imagem 1) é redução de palavra encontrável em dicionários latinos (*bibliotheca*), apresenta mesmo significado no léxico clássico (biblioteca), mas, para fins de transcrição semi-diplomática do ex-libris em tela, não será transcrita com a terminação *-a*, e sim com *-am*: *Ad Bibliothec[am] Aulic[am] Elvacensem*. Observemos que essa mesma palavra já se verifica no ex-libris da imagem 2 com a terminação *-am*: *Ad Bibliothecam majorem F[ratrum] Minorum Conventual[em] Colon[iae]*. Trata-se de uma regra da gramática latina, segundo a qual substantivos como *bibliotheca* (ex. *academia*, *cura* etc.) passam a terminar em *-am*, quando precedidos da preposição *ad*: ex. *ad academiam*, *ad curam* etc. Notemos, ainda, que a redução *Aulic*. (imagem 1), do adjetivo *aulicus*, *aulica*, *aulicum* (áulico, áulica, isto é, palaciano, palaciana), deve ser desenvolvida também com a terminação *-am* (*Aulic[am]*), devido à concordância com *bibliothec[am]*. Estamos diante de um mesmo fenômeno ocorrente em substantivos, adjetivos, pronomes, alguns numerais e formas nominais de verbos, denominado de caso, muito característico do latim, mas que se perdeu em sua passagem para as línguas neolatinas (português, espanhol, italiano e francês). Dessa forma, para o procedimento técnico da transcrição semi-diplomática de ex-libris, é importante que o bibliotecário ou documentalista tenha, em sua formação acadêmico-profissional, noções de sistema nominal latino e possa inferir com qual a terminação adequada devem ser transcritos substantivos e palavras que concordem com ele.

Mas o que vem a ser o fenômeno do caso? Em latim, substantivos, adjetivos, pronomes, alguns numerais e formas nominais do verbo declinam-se, isto é, apresentam terminações variadas que designam função sintática. Devido à exiguidade deste artigo, abordaremos o fenômeno do caso apenas em substantivos, pois nosso objetivo aqui não é

¹ Disponível *on-line* em: <http://www.columbia.edu/acis/ets/Graesse/contents.html>

exaurir o assunto mas sensibilizar os leitores para essa peculiaridade morfossintática, como fizemos em nossa oficina. Vejamos alguns exemplos: 1) *Bibliotheca est aulica*² (A³ biblioteca é palaciana, “biblioteca” = sujeito) X 2) *Bibliopola est minister bibliothecae* (O bibliotecário é um funcionário da biblioteca, “da biblioteca” = adjunto adnominal). Como vemos, pelo fato de ser sujeito em 1) ou adjunto adnominal em 2), *bibliotheca* tem uma terminação específica (-a X -ae). Por essa razão, a depender da função que exerça ou da preposição que o preceda, um mesmo substantivo poderá ser desenvolvido na transcrição semi-diplomática com terminações variadas: ex. *liber bibliothec*. > *liber bibliothec[ae]* (livro da biblioteca), *ad bibliothec*. > *ad bibliothec[am]* (na biblioteca), *ex bibliothec*. > *ex bibliothec[a]* ([proveniente] da biblioteca). Na terminologia tradicional da gramática latina, esse fenômeno recebe a designação de flexão de caso, uma peculiaridade morfológica dos substantivos latinos que, como dissemos, indica função sintática. Os idiomas modernos originários do latim – as línguas neolatinas (português, espanhol, italiano e francês) – não mantiveram a flexão de caso, mas guardam, nos pronomes pessoais, resquícios desse antigo sistema:

- Ex.1 Eu vejo Aldo com Jean. (“eu” = sujeito)
Ex.2 Jean vê-me com Aldo. (“me” = objeto direto)
Ex.3 Aldo vê Jean comigo. (“comigo” = adjunto adverbial)

Como notamos, cada forma do pronome pessoal – “eu”, “me”, “comigo” – representa uma função sintática distinta – sujeito, objeto direto, adjunto adverbial. No entanto, essa característica circunscreve-se aos pronomes pessoais em nosso idioma – pronomes pessoais do caso reto e do caso oblíquo –, uma vez que os nomes em geral mantêm suas formas, independentemente da função sintática que exerçam na frase: a mesma forma “Jean” é adjunto adverbial no exemplo 1, sujeito no exemplo 2 e objeto direto no exemplo 3, o que não ocorre no latim:

² Por questões didáticas, utilizamos, em latim, uma ordem de palavras mais próxima de nossa língua. Não necessariamente, essa mesma ordem se encontra em frases latinas. Com relação ao exemplo acima, seriam possíveis outras ordens – *Bibliotheca est aulica*, *Bibliotheca aulica est*, *Aulica bibliotheca est*, *Est bibliotheca aulica*, *Est aulica bibliotheca* – sem implicar em mudança de significado da frase. Em outras palavras, a frase continuaria com o significado de “A biblioteca é palaciana”, independentemente da ordem das palavras.

³ O latim clássico não dispõe de artigos definidos nem indefinidos. A utilização dessa classe de palavras na tradução é uma escolha do tradutor.

Ex.1 *Ego video Aldum cum Johanne*. (Eu vejo Aldo com Jean).

("Johanne" = adjunto adverbial)

Ex.2 *Johannis videt me cum Aldo*. (Jean vê-me com Aldo).

("Johannis" = sujeito)

Ex.3 *Aldus videt Johannem mecum*. (Aldo vê Jean comigo).

("Johannem" = objeto direto)

A diferença entre as formas *Johanne*, *Johannis* e *Johannem*, como mostramos, consiste em terminações diferentes – 1) *-e* (adjunto adverbial), 2) *-is* (sujeito), 3) *-em* (objeto direto). Portanto, não basta mudarmos a ordem das palavras na frase latina para modificarmos suas funções sintáticas, como fazemos em português ou em qualquer outra língua neolatina. É necessário alterarmos morfologicamente a palavra. Devido à flexão de caso, os substantivos latinos apresentam virtualmente possibilidades variadas de forma. Guardadas as devidas proporções, é o que ocorre com nossos substantivos: “biblioteca”, por exemplo, oferece duas possibilidades de forma, uma para singular – “bibliotecaa” – e uma para plural – “bibliotecas”. A morfologia dos substantivos latinos, por sua vez, é bem mais complexa, já que precisa dar conta não apenas de singular e plural, mas ainda de inúmeras funções sintáticas. A terminologia tradicional da gramática latina atribui uma designação especial para cada forma do substantivo, associada a uma ou mais funções sintáticas – nominativo (sujeito e predicativo do sujeito), acusativo (objeto direto etc.), ablativo (adjunto adverbial, agente da passiva etc.), dativo (objeto indireto etc.), genitivo (adjunto adnominal etc.) e vocativo (vocativo):

Bibliotheca est aulica.

(A biblioteca é palaciana).

Bibliotheca = sujeito => caso nominativo (nom.)

Bibliopola est minister bibliothecae.

(O bibliotecário é um funcionário da biblioteca).

Bibliothecae = adjunto adnominal => caso genitivo (gen.)

Bibliopola scit bibliothecam.

(O bibliotecário conhece a biblioteca).

Bibliothecam = objeto direto => caso acusativo (acus.)

Bibliopola dicit de bibliotheca.⁴

(O bibliotecário fala sobre a biblioteca).

Bibliotheca = adjunto adverbial => caso ablativo (abl.)

Bibliopola tribuit magnitudinem bibliothecae.

(O bibliotecário atribui importância à biblioteca).

⁴ Em alguns tipos de substantivos, é possível que uma mesma terminação sirva para mais de um caso. Com relação a *bibliotheca*, a terminação *-a* pode indicar nom., abl. ou voc. singulares, ao passo que *-ae* serve para gen. e dat. singulares. Somente o contexto ajudará no discernimento dessas ambiguidades.

Bibliothecae = objeto indireto => caso dativo (dat.)

Bibliopola dicit: “*Salve, bibliotheca!*”.

(O bibliotecário diz: “Olá, *bibliotheca!*”).

Bibliotheca = vocativo⁵ => caso vocativo (voc.)

No entanto, as terminações dos casos não são sempre as mesmas para todos os substantivos, ou seja, nem sempre, por exemplo, a terminação de genitivo singular é *-ae*:

1) *est bibliotheca* (existe uma biblioteca) X *magnitudo bibliothecae* (a importância da tipografia);

2) *est typus* (existe um tipo) X *magnitudo typi* (a importância do tipo)

3) *est auctor* (existe um autor) X *magnitudo auctoris* (a importância do autor);

4) *est tractatus* (existe um tratado) X *magnitudo tractatus* (a importância do tratado)

5) *est dies* (existe um dia) X *magnitudo diei* (a importância do dia)

Como podemos constatar por meio dos exemplos acima, existem cinco possibilidades de terminação de genitivo singular: *-ae*, *-i*, *-is*, *-us* e *-ei*. Isso se explica pelo fato de que *typographia*, *typographus*, *auctor*, *tractatus* e *dies* são de grupos de substantivos diferentes, isto é, de declinações diferentes: 1a., 2a., 3a., 4a. e 5a. declinações. Dessa forma, cada terminação de genitivo dessas identifica um grupo distinto de substantivos, ou seja, uma declinação. As terminações *-ae*, *-i*, *-is*, *-us* e *-ei* identificam, respectivamente, os genitivos de 1a., 2a., 3a., 4a. e 5a. declinações. Observemos que é muito importante sabermos qual a declinação do substantivo, para podermos interpretar a informação gramatical transmitida por sua terminação. É por isso que os dicionários latinos informam a terminação de genitivo ou a forma genitiva completa no verbete do substantivo, após a vírgula.

bibli**othēca, **ae**** {*ac. sing. em Cic. bibliothecen*} *f.* biblioteca

-ae = gen. sing. de 1a. decl.

typus, **i** *m.* 1. figura, imagem, estátua; 2. fase [de uma

-i = gen. sing. de 2a. decl.

auctor, **oris** (*augeo*) *m.* 1. aquele que aumenta, aquele que

-is = gen. sing. de 3a. decl.

tractātus², **ūs** (*tracto*) *m.* 1. ação de manejar, manejo;

⁵ Via de regra o vocativo apresenta a mesma terminação do nominativo, a salvo alguns substantivos terminados em *-us*, como *typographus* (voc. = *typographe*), ou em *-ius*, como *filius* (voc. = *filii*); entre outros. De qualquer forma, o vocativo de topônimos não ocorre em páginas de rosto. O exemplo acima serve apenas a fins didáticos.

bibliothēca, ae {ac. sing. em Cíc. **bibliothecen**} f. biblioteca

-ae = gen. sing. de 1a. decl.

-us = gen. sing. de 4a. decl.

diēs¹, eī m. e f. {no pl. sempre m.} 1. dia [civil de 24 horas, de

-ei = gen. sing. de 5a. decl.

Qual a importância dessas informações para transcrevermos semi-diplomaticamente documentos contendo reduções de substantivos latinos? Em primeiro lugar, não desenvolveremos reduções de substantivos, utilizando necessariamente a terminação informada na entrada do verbete, uma vez que os dicionários apresentam os substantivos pelo nominativo singular. Em segundo lugar, teremos de partir da análise do texto ou da expressão como um todo para identificarmos a função desse substantivo reduzido e, portanto, com qual terminação casual ele deverá ser desenvolvido. Nos contextos em que o substantivo vier precedido de preposição, um procedimento importante é consultar o dicionário para ver qual caso é exigido pela preposição (acusativo ou ablativo). É o que ocorre com o ex-libris da imagem 1 (*Ad Bibliothec. Aulic.*), em que se verifica a preposição *ad*, que exige acusativo e que, portanto, indica que a forma correta de se desenvolver o substantivo é *Bibliothec[am]*. Outro exemplo encontra-se na imagem 3 (*Ex Bibliothec*), em que a preposição *ex*, de ablativo, serve de referência para chegarmos à forma desenvolvida *Bibliothec[a]*.

Mas, como dissemos, as terminações dos casos não são exatamente as mesmas para todas as declinações, e ainda acresce que os substantivos podem estar no plural, o que duplica a quantidade de terminações:

	singular	plural
nominativo	<i>bibliotheca</i> , <i>typus</i> , <i>auctor</i> , <i>tractatus</i> , <i>dies</i>	<i>bibliothecae</i> , <i>typi</i> , <i>auctores</i> , <i>tractatus</i> , <i>dies</i>
genitivo	<i>bibliothecae</i> , <i>typi</i> , <i>auctoris</i> , <i>tractatus</i> , <i>diei</i>	<i>bibliothecarum</i> , <i>typorum</i> , <i>auctorum</i> , <i>tractatum</i> , <i>dierum</i>
acusativo	<i>bibliothecam</i> , <i>typum</i> , <i>auctorem</i> , <i>tractatum</i> , <i>diem</i>	<i>bibliothecas</i> , <i>tipos</i> , <i>auctores</i> , <i>tractatus</i> , <i>dies</i>
ablativo	<i>bibliotheca</i> , <i>typo</i> , <i>auctore</i> , <i>tractatu</i> , <i>die</i>	<i>bibliothecis</i> , <i>typis</i> , <i>auctoribus</i> , <i>tractatibus</i> , <i>diebus</i>

	singular	plural
dativo	<i>bibliothecae, typo, auctori, tractatui, diei</i>	<i>bibliothecis, typis, auctoribus, tractatibus, diebus</i>
vocativo	<i>bibliotheca, typus, auctor, tractatus, dies</i>	<i>bibliothecae, typi, auctores, tractatus, dies</i>

Além disso, nem sempre haverá uma preposição para nos ajudar a identificar o caso. Obviamente, não objetivamos, com nossa oficina ou com este breve artigo, resolver o problema do desenvolvimento das palavras latinas reduzidas em ex-libris, que demandaria certo investimento de tempo e de estudo do sistema nominal latino, ainda que de maneira introdutória. Nem queremos, tampouco, desestimular o bibliotecário ou documentalista de desenvolverem reduções de substantivos latinos em ex-libris. Temos somente a intenção de sensibilizar, tanto os participantes da oficina quanto os leitores deste texto, para o fenômeno do caso e de recomendar que se evitem soluções simples *prima facie*, como adotar, automaticamente, a terminação com que se apresenta a palavra na entrada do verbete. Ademais, a atividade em parceria com latinistas será essencial para se chegar a uma transcrição semi-diplomática correta e uma oportunidade de se promover o trabalho interdisciplinar entre profissionais de biblioteconomia, documentação e letras clássicas.

3 ALUSÕES LITERÁRIAS EM EX-LIBRIS

As relações explícitas ou implícitas entre textos foram alvo de estudos e teorizações seminiais ao longo do séc. XX, das quais conquistaram lugar de destaque os arrazoados de Julia Kristeva (1969), Roland Barthes (1973) e Gerard Genette (1982). Coube a Kristeva a criação dos conceitos de intertexto e de intertextualidade, relacionados ao fato de que “todo texto é absorção e transformação de um outro texto”.⁶ Nessa ótica, nenhum autor é totalmente original, pois reutiliza textos pré-existentes à sua obra, em que enunciados, tomados de outros discursos, se entrecruzam. Textos não são, portanto, artefatos isolados, mas elaborados a partir de códigos culturais, de formas de falar institucionalizadas. Em Kristeva, o conceito de intertextualidade abarca, ainda, a transposição de signos de um esquema original para outro, a reelaboração de significados e o processo de interação que se estabelece entre os textos em diálogo, o que levou os teóricos textuais a deixarem de ver o texto como entidade singular.

⁶ KRISTEVA, 1974, p. 64.

Ao reutilizar textos pré-existentes, o autor manifesta-se não apenas conectado com outros discursos mas adepto de uma forma mais complexa de criar, que extrapola os limites de sua subjetividade e imaginação. Trata-se de um diálogo criativo em que o significado da obra é arranjado ou composto ao invés de criado, expandindo-se as fronteiras semânticas para além do que se encontra no texto. Consequentemente, esse processo de criação demanda do leitor uma habilidade hermenêutica também mais complexa, que precisa interpretar o texto como intervenção em discursos históricos, culturais, sociais e institucionais. Sendo assim, a interpretação irmana-se ao processo de compilar textos, já que não há significados independentes e nenhum texto pode ser interpretado independentemente dos outros textos com que se estabelece o diálogo. A singularidade é apenas aparente. A intertextualidade, portanto, instaura interconexões entre discursos, colaborando na construção de sentido em e por meio de um processo dialógico que se dá entre textos e leitores.

Também para Roland Barthes, qualquer texto se encontra em inexorável diálogo com outros textos. Em sua teoria, a escrita, sobretudo na Modernidade e Pós-Modernidade, absorve traços de outros escritos, muitas vezes silenciosamente: “[A]s citações de que é feito um texto são anônimas, indiscerníveis e, no entanto, já lidas: estas são citações sem aspas”.⁷ O texto detém, portanto, natureza “intertextual”, linguagem dialógica, heteroglótica e proporciona aos leitores complexidade de sentidos. Sendo assim, características como indeterminação, pluralidade, interconexão e multivalência permeiam o discurso, tanto no âmbito literário quanto, de maneira mais abrangente, nos fenômenos sociais. A intertextualidade instaura um novo protocolo de leitura, que, para Barthes, consiste em condição *sine qua non* para a existência do texto, pois “enquanto uma obra pode ser segurada nas mãos e vista nas prateleiras de bibliotecas e livrarias, o texto só existe quando é produzido pelo novo leitor”.⁸ Dessa forma, “o texto é vivido apenas em uma atividade, em uma produção”.⁹

Por meio de sua teoria textual, Barthes rechaça as ideias de que o texto é um repositório de significação objetiva e de que ler um texto implica em mera atividade de buscar significados originados e centrados exclusivamente no texto. Em lugar disso, o teórico propõe que o texto seja visto como uma sobreposição de camadas de sentido ou como um corpo que não pode ser reduzido a um núcleo duro ou a um princípio de funcionamento em si mesmo.

⁷ BARTHES, 1993, p. 76.

⁸ BARTHES apud ALLEN, 2000, p. 83.

⁹ Idem, *ibidem*.

Para Barthes, a intertextualidade torna impossível sustentar a univocidade da leitura, uma vez que o intertexto gera a multiplicidade de significados e torna a leitura ‘polivocal’, proporcionando ao leitor a liberdade de explorar e articular as camadas de sentido do texto. Nessa perspectiva, o texto não é produto de um sujeito canônico e abre-se ilimitadamente a novas interpretações. Cada interpretação, por seu turno, provém da consciência do leitor e corresponde a uma derivação subtextual/intertextual, ainda que não explicitada *prima facie* no texto.

Na teoria textual de Gerard Genette, a intertextualidade insere-se no conceito mais abrangente de transtextualidade ou transcendência textual. Para Genette, a transtextualidade consiste em “tudo o que põe o texto em relação, seja óbvio ou oculto, com outros textos”¹⁰ e pode ser classificada em intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e arquitekstualidade. O teórico entende que a intertextualidade é, especificamente, “uma relação de co-presença entre dois textos ou entre vários textos” e “a presença real de um texto dentro de outro”.¹¹ À diferença de Barthes, a intertextualidade, para Genette, dá-se explicitamente em citações, plágios e alusões e estabelece uma relação intertextual pragmática e identificável entre elementos específicos de textos individuais.

A paratextualidade, por sua vez, está presente em títulos, prefácios, legendas, notas, dedicatórias, ilustrações e epígrafes, entre outros textos, que orientam o leitor e acabam por influenciar na interpretação de um texto. Outros exemplos de paratextos são entrevistas, anúncios publicitários, resenhas, cartas, depoimentos autorais e informações editoriais. A metatextualidade consiste em referências explícitas a detalhes do texto, por meio das quais o autor objetiva informar o leitor acerca de suas intenções e do significado que pretendia transmitir com sua obra. Por hipertextualidade, Genette entende a relação entre textos ou gêneros textuais, em que ocorrem transformações, alterações, (re)elaborações ou ampliações, a exemplo das paródias, adaptações e traduções. Para o teórico, todos os textos, na verdade, são hipertextuais, ainda que, às vezes, não seja possível identificarmos com qual texto prévio (hipotexto) dialoga um texto que o sucede (hipertexto) e se mantém em relação hipertextual. A quinta e última classe de transtextualidade é a arquitekstualidade, que permite que um texto integre um gênero ou gêneros textuais e leve o leitor a formular expectativas acerca de

¹⁰ GENETTE, 1992, p. 83-84.

¹¹ Idem, *ibidem*, p. 1-2.

características formais ou temas abordados num determinado texto, sendo fator decisivo, por exemplo, na recepção de uma obra.¹²

Com base nesses teóricos, e em estudiosos influenciados por seus arrazoados, consolidou-se uma recente e densa tradição de investigações sobre a relação entre textos. No entanto, os pressupostos supramencionados não privilegiam um aspecto que julgamos importante para uma metodologia de trabalho com alusões literárias em ex-libris: o caráter afetivo que permeia a alusão:

[...] convém de pronto admitir que a alusão literária – o escritor que cita um predecessor – é um fato de paixão e sentimento. Os poetas tendem a se apresentar como amantes da poesia que leram e de que se recordam. Recordar-se de um modelo, no sentido de citá-lo, serve para reproduzir na escrita a paixão, o apelo, produzidos pela leitura.¹³

Os motivos que levam alguém – seja um escritor, um proprietário de livro/acervo individualizado pelo ex-libris ou, ainda, seu artista – a amar o texto de um determinado autor são subjetivos, vastos e transcendem o limitado escopo deste breve artigo. Podem estar enraizados em eventos históricos ou biográficos, na formação escolar/acadêmica, em relações familiares ou de amizade, no gosto estético de uma determinada época/escola literária, para ficarmos com poucos motivadores, instigando-nos a uma curiosidade arqueológica que geralmente leva a resultados imprecisos. Por outro lado, a relação entre alusão literária e afetividade parece-nos um elo fundamental, se desejarmos elaborar um constructo teórico que nos auxilie na abordagem da alusão literária em ex-libris.

Ao escolhermos o *tópos* da afetividade para servir-nos de fio condutor de observações sobre a alusão literária, cremos que nosso olhar deva levar em consideração a identidade do sujeito, isto é, o sentimento de identificação manifesto num ex-libris alusivo. Muito também já se tem discutido acerca do tema da identidade, mas gostaríamos de resgatar brevemente algumas questões tratadas por Stuart Hall que nos serão úteis. Em seu livro *A identidade cultural na pós-modernidade*, Hall pergunta-se quanto à existência de uma crise de identidade na Pós-Modernidade. Para o sociólogo jamaicano radicado na Inglaterra, a ideia de identidade alicerça-se na definição de sujeito, sendo necessário, antes, discerni-lo em três estágios históricos: 1 sujeito do Iluminismo, dotado de independência e de razão; 2 sujeito moderno ou

¹² GENETTE, 1997, p. 5.

¹³ CONTE; BARCHIESI, 2010, p. 87.

sociológico, dependente e formado a partir da relação com o outro; 3 sujeito pós-moderno, não dotado de independência nem de identidade fixa. O sujeito moderno surgiu num momento de grandes transformações econômicas e políticas, em que o indivíduo passou a ser definido em novas e complexas estruturas de sociedade. No entanto, esse sujeito, cuja identidade fixa se construía por meio das interações sociais, sofrerá descentramento, ocasionado por avanços das ciências humanas na modernidade tardia. É com o advento do sujeito pós-moderno que se instaura, na sociologia, o debate sobre identidade, entendida como algo móvel, em constante transformação:

A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. E definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente.¹⁴

Consideramos indispensável o pensamento de Hall para a constituição de nosso dispositivo teórico, porque as alusões em ex-libris podem representar nexos fugazes e dinâmicos entre conteúdos literários e as idiossincrasias ou a biografia de quem é individualizado no ex-libris. Dito em outras palavras, a alusão registraria, nessa abordagem, uma identificação não necessariamente fixa e totalizante, mas intrínseca a um determinado momento ou estado de espírito que o proprietário do livro/acervo desejou eternizar por meio do ex-libris. Além disso, o caráter fragmentário da alusão também deriva do fato de estabelecer conexões não extensivamente à obra literária aludida como um todo, mas a uma passagem ou aspecto específicos seus, ainda assim, potencialmente ressignificados pelas relações de intertextualidade.

Em nosso levantamento de ex-libris em latim para a constituição do *corpus* explorado na oficina, verificamos uma quantidade significativa de itens contendo alusões literárias a obras de autores latinos clássicos, de que selecionamos os seguintes exemplos:

¹⁴ HALL, 1987, p. 43.

Imagem 5: ex-libris de Margarida Ribeiro

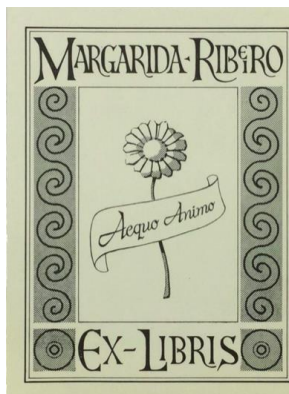


Imagem 6: ex-libris de Elvio Bragagna. 1942.



Imagem 7: ex-libris da da Fullerö Bibliotek. Malmö Museer, Suécia. 1888.

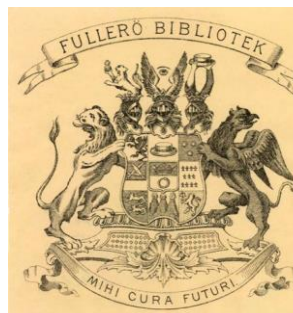
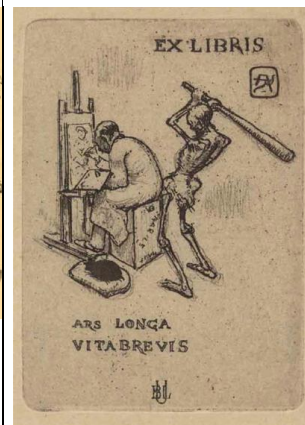


Imagem 8: ex-libris de autor não identificado.



No ex-libris da imagem 5, a expressão *Aequo animo* significa “com espírito calmo” e provém do v. 42, livro I, do poema didático *De rerum natura* (*Sobre a natureza das coisas*), de Tito Lucrécio Caro (94-55 a.C.): “[N]am neque nos agere hoc patriai tempore iniquo/ possumus aequo animo [...]”.¹⁵ Nessa obra, Lucrécio, poeta do séc. I a.C., buscou dirimir os medos de seus contemporâneos acerca da morte e do *post mortem* por meio do epicurismo, numa época em que Roma se afundava cada vez mais num caos civil causado pelo desejo desenfreado dos políticos por poder. O poeta, no v. 42, refere-se justamente a esse momento em que a inquietude é tamanha que nem ele mesmo consegue alcançar a necessária calma, daí a importância de formar novas gerações dentro de uma concepção de vida que se pautava pelo desapego do poder e de tudo aquilo que não está em acordo com as leis de funcionamento da natureza.

Esse mesmo período caótico da República romana se encontra referido no ex-libris da imagem 6, cuja expressão, ao topo, “*Omnia vincit amor*” (O amor vence todas as coisas) provém do v. 69 da écloga X, das *Bucólicas* de Públio Virgílio Maro (70-19 a.C.): “[O]mnia vincit Amor; et nos cedamus Amori”.¹⁶ Virgílio vivenciou, na juventude, as crises civis do fim da República e, na maturidade, a estabilização política em Roma propiciada pelo principado

¹⁵ “[P]ois nem nós neste momento de iniquidade da pátria/ podemos agir com calma [...]”. Tradução de Leandro César Albuquerque de Freitas (FREITAS, 2018, 231).

¹⁶ “O Amor vence todas as coisas; e cedamos nós ao Amor” (VIRGILIO, 1968, p. 172. tradução nossa).

de Augusto, a que se costuma denominar de “*Pax Romana*”. As *Bucólicas* são uma coletânea de dez poemas (éclogas) que têm como temática mais recorrente a vida do pastor de gado de pequeno porte. Virgílio, no entanto, explorou essa temática, geralmente mostrando como o campo sofreu o impacto do caos civil de Roma na segunda metade do séc. I a.C. A écloga X tem por personagem central o poeta Galo, o primeiro poeta elegíaco romano segundo a tradição, e explora outra temática muito presente nas *Bucólicas*, o amor enquanto recusa às obrigações, enquanto rota de fuga dos desgostos da realidade.

Na imagem 7, temos uma passagem de Públio Ovídio Naso (43 a.C. - 19 d.C.): “[*M*]ihi cura futuri” (tenho a previsão do futuro). Essa expressão se encontra no v. 363, do livro XIII (“*Tu vires sine mente, geris, mihi cura futuri*”),¹⁷ de *Metamorphoseon* (As metamorfoses), longo poema narrativo de aproximadamente 12.000 versos contendo 250 narrativas. A obra apresenta personagens gregos e latinos provenientes tanto de mitos e lendas, quanto da história, como Júlio César e Augusto. Mais adiante, neste artigo, exploraremos um pouco do episódio de que foi retirada a expressão latina em questão, quando expusermos nossa proposta de metodologia de trabalho com alusões literárias em ex-libris.

Finalmente, o quarto poeta latino presente entre os ex-libris anteriormente exibidos é Lúcio Aneu Sêneca (4 a.C. - 65 d.C.). Trata-se da expressão “*Ars longa, vita brevis*”,¹⁸ na imagem 8, que advém do passo I, 1 da obra *De brevitae vitae* (Sobre a brevidade da vida), em que Sêneca adaptou para o latim o aforismo I, 1 de Hipócrates: “Ο βίος βραχύς,/ ή δὲ τέχνη μακρή,/ ό δὲ καιρὸς ὀξύς,/ ή δὲ πείρα σφαλερή,/ ή δὲ κρίσις χαλεπή”.¹⁹ Em sua obra sobre a brevidade da vida, Sêneca discorre sobre o tempo e sobre como o homem emprega muito tempo para atingir objetivos que, na verdade, não têm valor ou sentido. Com base em ideias do estoicismo, Sêneca mostra como é concedido, pela natureza, o tempo exato para que cada um possa alcançar suas metas, desde que tenha organização e saiba fazer melhor uso do tempo, o que pode ser aprendido com a filosofia.

Mas de que servem todas essas informações para o bibliotecário ou documentalista que lida com ex-libris? O que elas revelam para além de autores, obras, conteúdos literários ou períodos históricos a que remetem? Como elas podem ser úteis no trabalho com marcas de proveniência? Embora não tenhamos respostas definitivas para essas perguntas, buscamos, em

¹⁷ “Tu usas a força sem discernimento, eu tenho a previsão do futuro” (tradução de Domingos Lucas Dias in: OVÍDIO, 2017, p. 693).

¹⁸ “A arte é longa, a vida breve” (SENECA apud: BARTLETT, 1968, p. 88. tradução nossa).

¹⁹ “A vida é breve, arte é longa, a oportunidade efêmera, o experimento traiçoeiro, o julgamento difícil” (HIPPOCRATES, s.d., p. 103, tradução nossa).

nossa oficina e neste artigo, contribuir com algumas breves reflexões teórico-metodológicas para que, futuramente, os próprios bibliotecários e documentalistas venham a desenvolvê-las numa metodologia de pesquisa de alusões literárias latinas em ex-libris. Nosso principal objetivo, portanto, foi sensibilizar os participantes para a importância de não se limitarem à erudição presente em alusões literárias, mas de tentarem identificar nexos entre o que elas informam e o proprietário do livro, instituição/acervo identificado pelo ex-libris ou, até, o artista que elaborou essa marca de proveniência. Dito em outras palavras, o que essas alusões literárias revelam dos sujeitos ou instituições que se inscrevem em ex-libris alusivos? Além disso, como essas alusões podem contribuir para identificarmos uma rede simbólica entre ex-libris e entre sujeitos e instituições?

A título de ilustração, fizemos, em nossa oficina, um breve exercício de aplicação prática das observações teóricas, acima arroladas, tomando, com exemplo, o ex-libris da imagem 7, que contém a expressão “[M]ihi cura futuri”. Como mostramos, trata-se de uma alusão ao v. 363, do livro XIII (“*Tu vires sine mente, geris, mihi cura futuri*”),²⁰ das *Metamorfoses*, de Ovídio. Nesse segmento da obra, ocorre a célebre disputa verbal entre os heróis Ajax e Ulisses pelo espólio de Aquiles, morto durante a Guerra de Troia. A fim de defender seu direito à herança, Ajax desenvolve uma extensão argumentação, de que selecionamos a seguinte passagem:

*tutius est igitur fictis contendere verbis,
quam pugnare manu, sed nec mihi dicere promptum,
nec facere est isti: quantumque ego Marte feroci
inque acie valeo, tantum valet iste loquendo.*²¹

Pois é bem mais seguro lutar com belas palavras do que combater de armas na mão. Mas eu não sou dado ao uso da palavra, nem ele [Ulisses] é inclinado a agir. Ao meu valor na guerra cruel e no campo de batalha corresponde o dele no uso da palavra.²²

*An quod in arma prior nulloque sub indice veni,
arma neganda mihi, potiorque videbitur ille,
ultima qui cepit detractavitque furore
militiam ficto, donec sollertior isto
sed sibi inutilior timidi commenta retexit
Naupliades animi vitataque traxit ad arma?*²³

²⁰ “Tu usas a força sem discernimento, eu tenho a previsão do futuro” (tradução de Domingos Lucas Dias in: OVÍDIO, 2017, p. 693).

²¹ Ov., *Met.*, XIII, v. 9-12. (OVÍDIO, 2017, p. 670.)

²² Tradução de Domingos Lucas Dias in: OVÍDIO, 2017, p. 671.

²³ Ov., *Met.*, XIII, v. 34-38. (OVÍDIO, 2017, p. 672.)

Será porque fui o primeiro a pegas em armas”, e sem a delação de ninguém, que estas armas me hão de ser negadas? Parecerá que as merece mais aquele [Ulisses] que foi o último a empunhá-las, fugindo aos riscos, ao simular-se louco [...]?”²⁴

Como vemos, Ajax alega que, devido a sua bravura e habilidade guerreira em campo, merece herdar as armas de Aquiles. Além disso, busca rebaixar a figura de Ulisses, afirmando que seu adversário fingiu estar louco numa tentativa de fugir à convocação de Agamêmnon para a Guerra de Troia. Após o discurso de Ajax, Ulisses toma o turno e também apresenta uma longa defesa de seu direito às armas de Aquiles, na qual se encontra o verso aludido no ex-libris da imagem 7:

*Quid, quod me duri fugientem munera belli
arguit incepto serum accessisse labori
nec se magnanimo maledicere sentit Achilli?
si simulasse vocas crimen, simulavimus ambo;
si mora pro culpa est, ego sum maturior illo.
me pia detinuit coniunx, pia mater Achillem,*²⁵

E que dizer do fato de me acusar de fugir às duras obrigações da guerra e de tarde me associar a um empreendimento já iniciado, sem se aperceber de que está a caluniar o valoroso Aquiles? Se é crime a dissimulação, ambos simulamos; se se tem por culpa a demora, a minha é menor que a dele. A mim deteve-me carinhosa esposa, a Aquiles, uma terna mãe. [...]”²⁶

*tu vires sine mente geris, mihi cura futuri;
tu pugnare potes, pugnandi tempora mecum
eligit Atrides; tu tantum corpore prodes,*²⁷

[...]
Tu [Ajax] usas a força sem discernimento, eu tenho a previsão do futuro.
Tu podes lutar. O momento da luta escolhe-o comigo o filho de Atreu. Tu só com teu corpo és útil, eu sou-o com a minha mente. [...]”²⁸

Relativizando a visão pejorativa de Ajax acerca do recurso ao fingimento, Ulisses recorda ao adversário, e à plateia que testemunha a contenda verbal, que o próprio Aquiles fora disfarçado com trajes femininos por sua mãe, Tétis, temerosa do fim trágico do herói. Dessa forma, se a dissimulação consiste em demérito, conforme a argumentação de Ajax, o

²⁴ Tradução de Domingos Lucas Dias in: OVÍDIO, 2017, p. 673.

²⁵ Ov., *Met.*, XIII, v. 296-301. (OVÍDIO, 2017, p. 688.)

²⁶ Tradução de Domingos Lucas Dias in: OVÍDIO, 2017, p. 689.

²⁷ Ov., *Met.*, XIII, v. 363-365 (grifo nosso). (OVÍDIO, 2017, p. 692.)

²⁸ Tradução de Domingos Lucas Dias in: OVÍDIO, 2017, p. 689 (grifo nosso).

próprio Aquiles não seria digno de ser considerado herói máximo da Guerra de Troia e de receber todas as honras. Ulisses arremata seu discurso, argumentando que de nada adiantam ao guerreiro força física e bravura sem a capacidade de se antecipar às ações do inimigo. E, quanto a isso, mesmo Agamêmnon, filho de Atreu e comandante supremo dos gregos na Guerra de Troia, valeu-se da sagacidade e da capacidade de previsão do futuro de Ulisses para escolher a estratégia, local e o momento certos das batalhas contra os troianos. Recordemos que o estratagema do cavalo de Troia, decisivo para a invasão e tomada da cidade, foi ideia de Ulisses. Em resumo, a disputa entre os heróis resulta em que Ulisses herda as armas de Aquiles e em que Ajax, sentindo-se ultrajado com o resultado da contenda, dá cabo de sua própria vida.

Examinada a proveniência literária da expressão “*mihi cura futuri*”, sobressai-nos que, na alusão do ex-libris em tela, houve a seleção de um fragmento não apenas das *Metamorfoses* de Ovídio, mas do discurso de uma determinada personagem. Essa personagem, Ulisses, encontra-se em franca oposição a outra, Ajax, quer por disputarem algo, as armas de Aquiles, quer por serem caracterizadas com identidades antagônicas: Ajax age sob o impulso do momento, vive no presente; Ulisses, porém, é precavido, antecipa-se ao inimigo, buscando, cautelosamente, prever o futuro. Na referida alusão, portanto, verifica-se uma nítida identificação com Ulisses, que, em contraste com Ajax, arquiteta laboriosamente o futuro.

Mas o que explica a presença desse fragmento da fala de Ulisses no ex-libris de um livro pertencente ao acervo da Universidade de Uppsala (Suécia)? Em 1767, essa universidade recebeu, por doação do príncipe Gustav, uma coleção de 4.000 volumes provenientes da Fullerö Bibliotek, a biblioteca do Castelo Fullerö, que pertenceu a Jakob Olderman Cronstedt (1668-1751), filho do comerciante e pastor da igreja alemã Anders Olderman e de Anna Gerdes. O pai de Cronstedt morreu em 1679, e sua mãe casou-se novamente com Mårten Gavelius, que foi cavaleiro em 1686 e apresentado em 1689 na casa do cavaleiro sob o nome Cronstedt, e em 1693 ele e seus irmãos foram adotados pelo padrasto, recebendo seu sobrenome. Cronstedt estudou na Universidade de Uppsala. Em 1705, foi nomeado tenente da corte; em 1712, nomeado camareiro extra regular; em 1714, promovido a camareiro regular. Mais tarde, entrou no serviço público; em 1718, tornou-se “ordenado” no condado de Uppsala no final do mesmo ano, também vice-governador do

mesmo condado, governador de 1719 do condado de Kronoberg e membro do Riksrådet em 1727. Em 1719, tornou-se barão e, em 1731, conde.

Imagem 9 - Castelo Fullerö (Västerås, Suécia)



Fonte: <https://en.wikipedia.org/wiki/File:Fuller%C3%B6.jpg>

Jakob Cronstedt adquiriu o Castelo Fullerö em 1739. Após sua morte, a propriedade, juntamente com a biblioteca e obras artísticas, foi herdada por seu filho Carl Johan Cronstedt. Posteriormente, outros Cronstedt herdaram o castelo, não só cuidando, mas ampliando a Fullerö Bibliotek, como Fredrik Adolf Ulrik Cronstedt e Johan Adam Cronstedt, respectivamente filho e neto de Carl Johan. Uma pequena parte da biblioteca ainda permanece no castelo, sobretudo obras raras sobre arquitetura e arte do séc. XVIII. Encontram-se ainda, em Fullerö, anotações de Carl Johan sobre construção e sua coleção particular de livros sobre arquitetura. No entanto, um conjunto de mais de 5.000 desenhos, desenhos arquitetônicos e obras de arte, provenientes de Fullerö, foi trasladado para o Museu Nacional de Estocolmo. Além disso, muitos livros da Fullerö Bibliotek passaram para a Universidade de Uppsala.

Além de fragmento das *Metamorfoses* de Ovídio e da fala de Ulisses, “*Mihi cura futuri*” é o lema da família Cronstedt, adotado desde Jakob Cronstedt. Sua trajetória de vida foi marcada por uma constante ascensão social: filho de comerciante, tenente da corte, funcionário público, vice-governador, governador, barão e, por fim, conde. Jakob legou aos seus herdeiros um sobrenome respeitável e uma grande propriedade, que, com o passar do

tempo, acumulou valiosas coleções de livros e de objetos artísticos. Não há documentos que nos ajudem a saber, exatamente, os verdadeiros motivos pelos quais esse ancestral dos Cronstedt teria escolhido “*Mihi cura futuri*” para se tornar lema da família. Por outro lado, enquanto leitores, podemos interpretar que essas três palavras simbolizavam, para seus descendentes, a capacidade de projeção para o êxito e para o futuro, preconizada por Ulisses nas *Metamorfoses* de Ovídio, com a qual os Cronstedt deveriam se identificar, de modo a ser eternizada no ex-libris da Fullerö Bibliote

REFERÊNCIAS

ALLEN, Grahah. *Intertextuality*. Abingdon: Routledge, 2000.

BARTHES, Roland. Texte (théorie du-). *Encyclopaedia Universalis*. Paris: s.n., 1973.

BARTHES, Roland. *Oeuvres complètes*. Paris: Editions du Seuil, 1993.

BARTLETT, John. *Familiar Quotations: a Collection of Passages, Phrases and Proverbs Traced to their Sources in Ancient and Modern Literature*. S.n.: s.l., 1968.

CONTE, Gian Biagio; BARCHIESI, Alessandro. Imitação e arte alusiva: modos e funções da intertextualidade. In: CAVALLO, Guglielmo; FEDELI, Paolo; GIARDINA, Andrea. *O espaço literário da Roma antiga*. Tradução de Daniel Peluci Carrara e Fernanda Messeder Moura. Belo Horizonte: Tessitura, 2010. v. 1 [a produção do texto] p. 87-121.

FREITAS, Leandro César Albuquerque de. *Análise e tradução do livro I do De rerum natura de Tito Lucrécio Caro*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras. São Paulo: USP, 2018.

GENETTE, Gerard. *Palimpseste*. Paris: Seuil, 1982.

GENETTE, Gerard. *The Architext: an Introduction*. Berkeley: University of California Press, 1992.

GENETTE, Gerard. *Paratexts: Thresholds of Interpretation*. Translation by Jane E. Lewin. Lincoln NE; London: University of Nebraska Press, 1997

HUTCHINSON, T.; WATERS, A. *English for Specific Purposes: A Learning-centered Approach*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2006.

HIPPOCRATES. Aphorismi. In: LITTRÉ. *Oeuvres complètes d’Hippocrate*. S.n.: Hakkert, s.d.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semanálise*. Tradução de Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 1974.

KRISTEVA, Julia. *Séméiotikè: recherches pour une sémanalye*. Paris: Seuil, 1969.

OVÍDIO. *Metamorfoses*. Tradução, introdução e notas de Domingos Lucas Dias. São Paulo: Editora 34, 2017.

VIRGÍLIO. *Bucólicas*. Edición anotada por Mariluz Ruiz de Loizaga y Víctor José Herrero. Madrid: Gredos, 1968.